

"Saíam de suas poltronas e produziam um escrito sobre o que formularam em suas análises e sua clínica, e o tragam a céu aberto para que um interlocutor possa levar a empreitada mais adiante. Se ainda não há uma conclusão, exponham ao menos suas crises de trabalho. Com certeza isso terá um efeito sobre o seu ato".

Cartel foi uma aposta de Lacan para a transmissão da psicanálise na sua Escola. Entretanto, nem sempre sua formalização foi precisa. No tempo da Escola Freudiana, não se sabia muito bem como funcionava o cartel, muito menos o mais-um. De 64 a 80, quando dá partida à Causa Freudiana, ele e seus colegas da comunidade analítica fizeram algumas experiências com diversos tipos de agrupamentos. Existiam supostos cartéis funcionando como seminários ou com 20 pessoas aproximadamente. Podemos verificar isso em documentos e relatórios institucionais sobre este tema.

Aquilo que seria a quarta seção da Escola Freudiana de Paris, o cartel - a "mais uma" das outras três seções, além das outras três: Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e de Inventário do Campo Freudiano -, não funcionou!

Seria esta a razão do fracasso da Escola? Rompendo-se a base, desmorona-se o edifício? Podemos questionar e analisar, pois, em mais uma tentativa de construção de uma outra Escola, a Escola da Causa. Ele, Lacan, ainda insiste no dispositivo dizendo: "restauro em seu favor o órgão de base retomando a fundação da Escola - ou seja, o cartel - do qual, feita a experiência, aprimoro a formalização".¹

Uma proposta interessante, de fato, que denunciava o saber "pré-digerido" habitualmente fornecido nas outras instituições psicanalíticas; uma proposta dentro da lógica Lacaniana do não-todo, onde o impacto da destituição de um saber se faz sentir, que hoje, entretanto, mais de duas décadas depois, escuto em reuniões e verifico na nossa história que parece ainda não ter "decolado". Por quê? Cabe analisar.

Tenho observado nestes anos no Campo da Psicanálise que geralmente as "entradas na Escola" se dão pelos Seminários Teóricos, acolhidos pelas Formações Clínicas de cada Fórum, por cursos mais ou menos estruturados de formação ou por grupos de pesquisa. Podemos pensar que esta é a melhor forma, a mais segura, do jovem analista manter-se mais protegido, enquanto verifica se é este mesmo o lugar que quer fazer a sua filiação e certamente a melhor forma do analista de construir um saber, ou melhor, um conhecimento, sobre um determinado tema, pois, sabemos de outros campos, que é "ensinando que se aprende".

Entretanto, não é de segurança, nem do ensino que se trata no campo da psicanálise, muito pelo contrário. Não funcionamos numa estrutura hierarquizada, piramidal, onde existem conhecimentos básicos e elementares que precisam ser ensinados pelos mais experientes e assimilados pelos mais jovens para se passar para o estágio seguinte. Afinal, estamos todos em formação, que deve, e só pode ser permanente. Isso é uma vantagem. Deixa-nos mais jovens, ou melhor, menos velhos!

¹ Lacan, J. D'Écolage. 11 mars 1980.

Estamos todos - sempre - dando voltas a redor do furo, titilando a verdade, nas nossas análises e na psicanálise em extensão. Nisto estou afinada com Lacan na sua aposta. Verifico na prática que trabalhamos melhor, conhecemos e somos mais conhecidos - e reconhecidos - por aqueles dos quais nos aproximamos em pequenos grupos. Esse é o lado bom do agrupamento. No entanto, existem diferenças radicais entre os membros de um cartel, inconsistências profundas que apenas a aproximação é capaz de revelar e que, se insuportáveis - e com pouca generosidade e tolerância -, podem levar a dissolução.

Apenas de perto se percebe as imperfeições da pele e as teias de aranha por detrás dos objetos, nos lembra Saramago, no documentário "Janela da Alma". Por isso, somos convocados por este outro autor, a dar a volta ao redor do cenário, de toda a coroa da rainha de uma peça, antes de idealizarmos um objeto. Mais uma vez, dar a volta ao redor do furo.

Assim sendo, não deveríamos nós, membros dos Fóruns, nas Comissões de Acolhimento, estimular o trabalho em cartéis desde a entrada dos que se aproximam da nossa comunidade? Lacan, na ata de fundação da Escola Freudiana de Paris em 1964, define expressamente: "um cartel é, em primeiro lugar, a condição de admissão na Escola". Por que ainda não privilegiamos essa forma de entrada? Podemos aproximar essa questão com a frase dita por Lacan quando fundou a sua escola: "aposto tudo no funcionamento e muito pouco nas pessoas".² Será que estamos nós, "as pessoas", à altura desta aposta? Arrisco levantar a hipótese que a dificuldade maior de bancar este dispositivo, o cartel, reside no próprio processo de criação e no seu produto.

Uma possibilidade de criação

Ao participar de um cartel, entramos em um tema que é geral, de algo que nos é dado, e só podemos dar a partida ao ato criativo a partir do individual, quando nos implicamos com uma questão. Através da escolha das palavras e dos argumentos que sustentarão cada idéia ou conceito fazemos algo de novo surgir do que nos foi dado. Feita duramente a escolha das palavras, frases e parágrafos resta-nos colocar o produto no mundo, nomeá-lo e sustentar o que foi escrito. Nada simples ou natural - nem para os analistas. Verificamos isso, primeiro no nosso próprio processo criativo, depois na história e na atualidade da nossa Escola, como já foi dito neste trabalho.

O cartel, o seu fim - na sua dupla vertente, de finalidade e término -, já está posto desde o início, tal como nas análises e, para o cartel, Lacan diz: "Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois se dissolvam para fazer outra coisa (...) se desliguem antes de ficarem grudados para irremediavelmente".³ Grudados irremediavelmente? Não cabe na lógica feminina, não-toda! Este enodamento temporário é necessário e fundamental para a produção.

Em uma análise, o analisando precisa do analista para fazer o atravessamento da diagonal da transferência e, no cartel, do mais-um, que sustentará o funcionamento e será o provocador da produção do grupo. Nas duas situações, a da análise e do cartel, o analista e o mais-um provocam a produção de saber a cerca do gozo, mas o analisando e cartelizante estão sozinhos no produto: a sua fala e a sua escrita são de sua única responsabilidade. Elas servem para circunscrever o real, fazer passar o gozo ao inconsciente. Isso não é sem conseqüências, essa passagem modifica inteiramente o ato, por isso, a necessidade do corte, da destituição e da dissolução.

Orientada por esta ética, como a Escola pode dar tratamento a este produto? O que fazer com o analista e sua criação - o produto próprio de cada um em cada cartel?

Os artistas fazem vernissage, apresentações públicas, concertos e saraus. Os analistas têm feito nos últimos anos Jornadas de Cartéis. Nós, em São Paulo, inventamos o Café

² Lacan, J. L'Autre manque. 15 janvier 1980.

³ Lacan, J. Monsieur A. 18mars 1980.

Cartel, regado a chá, café e escuta de textos produzidos por membros de cartéis acerca do seu funcionamento dos cartéis, suas crises, passes e impasses. Podemos fazer algo diferente?

Lacan tentou. Ele, utilizando a lógica feminina, não-toda, como gosto de pensar, nos obrigava a ultrapassar a inércia, a servidão dos saberes instituídos e o anonimato da multidão. Acreditava que para fazer o dispositivo funcionar bastava uma caixa de correio - dizia que isso tinha uma vantagem: "ninguém pede para fazer um Seminário na minha caixa de correio;⁴ um correio que faça saber o que, nessa caixa, se propõe como trabalho; um congresso, ou melhor, um fórum onde isso se intercambia; enfim, a publicação inevitável para o arquivo; um pequeno boletim que faça o enlace(...) para que os novos cartéis, que abundam, se façam conhecer".⁵ Assim, instaurava um turbilhão, a fuga do sentido, em oposição à hierarquia, regida pela lógica do todo, que só se sustenta por gerir sentido, tal como a religião.

Por fim, e enfim, o que nos impede de realizar na nossa Escola - a Escola de psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - o desejo de Lacan que, na sessão de encerramento da IV Jornada da Escola Freudiana, expressou claramente: "gostaria que a prática desses cartéis que imaginei se instaurasse de maneira mais estável na Escola". O que nos impede de "abraçar essa causa", deixar a folha cair, escrever um texto e publicá-lo, criar algo novo e deixá-lo ir?

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.